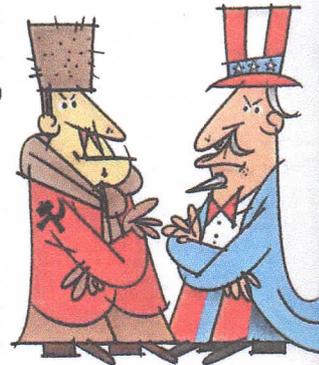


Geopolítica e economia do período pós-Segunda Guerra

A reordenação geopolítica

Ao final da 2ª Guerra Mundial, a derrota das forças do Eixo (Alemanha, Japão e Itália) e ao mesmo tempo, o enfraquecimento econômico, militar e político do Reino Unido e da França levaram o mundo a um período de grandes transformações econômicas e geopolíticas denominado **Guerra Fria**, que se estendeu até o final dos anos 1980. Consolidou-se a hegemonia norte-americana no bloco capitalista. Paralelamente, a União Soviética ou União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que surgira em 1922 como resultado da Revolução Russa de 1917, não só expandiu o seu território, como também sua área de influência que mais tarde ficaria conhecida como bloco socialista. Isso ocorreu porque a participação tanto dos Estados Unidos como da União Soviética foi decisiva na vitória contra o Eixo.

É consenso, no entanto, considerar 1947, quando os Estados Unidos lançaram as bases da **Doutrina Truman** e do **Plano Marshall**, o ano em que se iniciou a Guerra Fria. Em 11 de março de 1947, o presidente norte-americano Harry Truman (1884-1972) fez um discurso propondo a concessão de créditos para a Grécia e a Turquia, com o objetivo de sustentar governos pró-ocidentais naqueles países. Ao proferir esse discurso, lançava a doutrina que levaria seu nome.

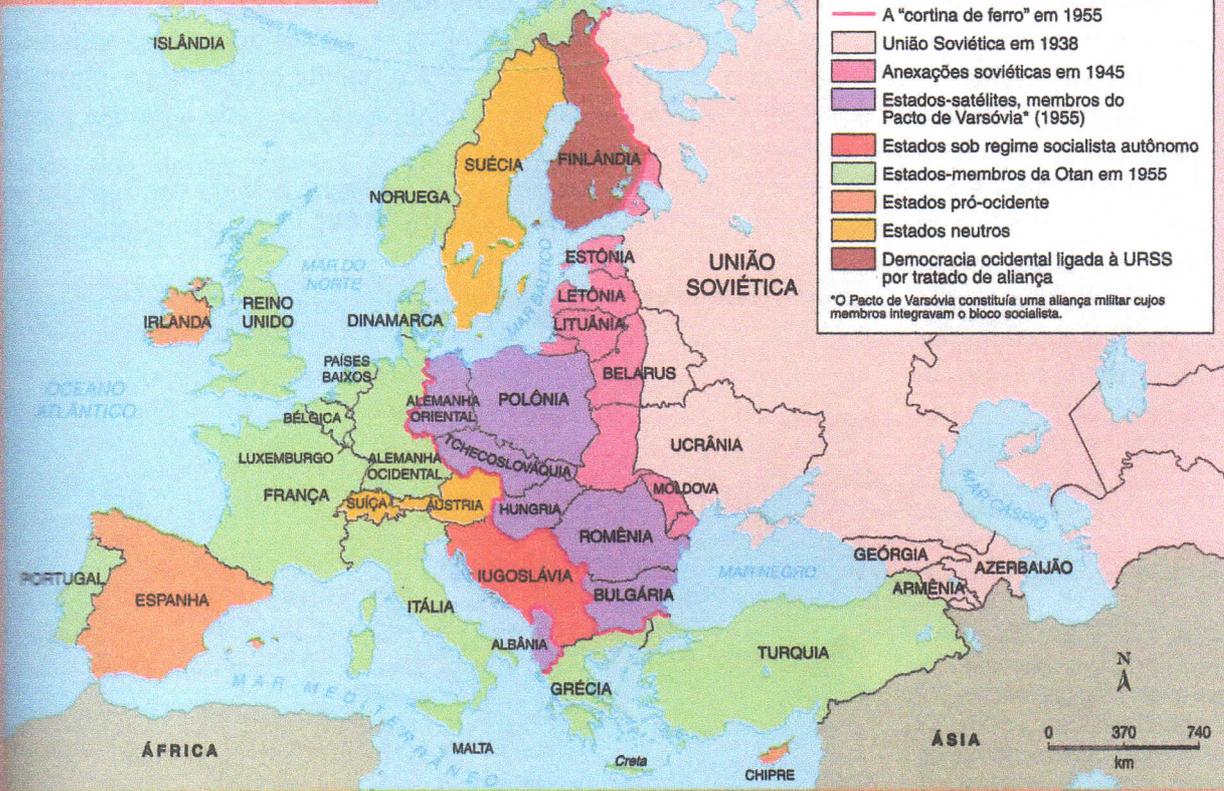


O objetivo geopolítico fundamental da Doutrina Truman era a **contenção do socialismo**. Desenvolvida pelo então conselheiro da embaixada norte-americana em Moscou, George F. Kennan, a idéia era impedir o expansionismo da União Soviética, criando alianças militares, como a Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), para isolá-la (vamos estudar essas alianças mais adiante). Complementando a Doutrina Truman, o secretário de Estado norte-americano, George C. Marshall, idealizou um plano de ajuda econômica para acelerar a recuperação dos países da Europa Ocidental — o **Plano Marshall**. Esse plano, ao consolidar as economias capitalistas da Europa Ocidental, além de frear a influência comunista, ainda tinha como objetivo recuperar mercados para produtos e capitais norte-americanos.

Para administrar e distribuir os recursos do Plano Marshall entre os países europeus ocidentais, em 1948 foi constituída a Organização Européia de Cooperação Econômica (OECE) que em 1961 passou a se chamar **Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE)**, porque nações não-européias — Estados Unidos, Canadá, Japão, Austrália e Nova Zelândia — foram admitidas e novos objetivos foram traçados: incentivo ao crescimento econômico, ao desenvolvimento em geral e ao comércio multilateral, geração de empregos, expansão do comércio e estabilidade financeira dos países-membros. A OCDE forma o “clube dos ricos” congregando alguns dos países mais ricos e industrializados do mundo. Atualmente, depois da entrada do México em 1994, da República Tcheca em 1995, da Hungria, da Polônia e da Coreia do Sul em 1996 e da Eslováquia em 2000, 30 países compõem a organização. Há ainda à

possibilidade de ingresso de outras nações, como Rússia e Cingapura. A OCDE tem se expandido desde sua fundação e não é mais composta só de países ricos e industrializados. Há os emergentes e antigos países socialistas em transição para o capitalismo. Em contrapartida, Brasil e China, por exemplo, não fazem parte da OCDE apesar de mais industrializados do que muitos membros dessa organização.

A Europa da Guerra Fria (anos 1950)



A expressão cortina de ferro passou a identificar, durante a Guerra Fria, o conjunto dos países europeus de regime comunista sob influência direta de Moscou: Alemanha Oriental, Polônia, Tchecoslováquia (atuais República Tcheca e Eslováquia), Hungria, Romênia, Bulgária e Albânia. Na época também se referiam a esses Estados como "Europa Oriental".

Durante esse período, o mundo foi marcado pela bipolarização de poder entre Estados Unidos e União Soviética, que buscavam ampliar suas respectivas zonas de influência. Para isso, mergulharam em uma acirrada corrida armamentista, na tentativa de chegar a um equilíbrio de forças, a uma paridade bélica. O cientista político francês Raymond Aron definiu bem essa situação: "Guerra Fria, paz impossível, guerra improvável". A paz era impossível porque as superpotências apresentavam, sob vários aspectos, um antagonismo insolúvel. A guerra era improvável porque, caso ocorresse, significaria o fim de todos, não teria vencedores. Em suma, o que garantiu a paz durante esse período foi a premissa de que o conflito bélico asseguraria a mútua destruição. Imperou, por isso, uma "paz armada". As armas eram construídas, mas não chegavam a ser usadas (pelo menos não diretamente entre as duas superpotências), servindo apenas como instrumentos de dissuasão.

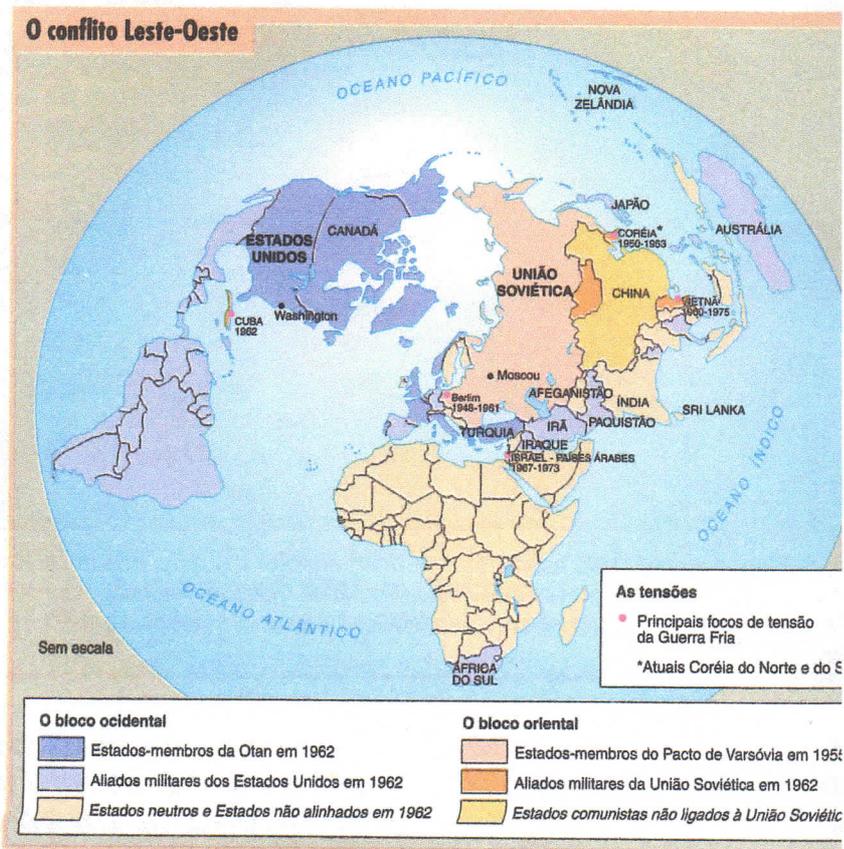
Embora os soviéticos tivessem lutado do mesmo lado dos norte-americanos na Segunda Guerra, os Estados Unidos foram os grandes vencedores do conflito. Além de perderem poucos combatentes, os Estados Unidos conseguiram manter intactas suas cidades, indústrias e proprie-

dades agrícolas, aumentaram a produtividade industrial e acumularam vultosas reservas. Enquanto isso, mais de 20 milhões de soviéticos morreram (a maioria civis) e grande parte das indústrias, cidades e fazendas de seu país foi destruída. Sem contar que, como veremos unidade 4, capítulo 7, a União Soviética não acompanhou a corrida tecnológica com o bloco ocidental e sua economia foi perdendo produtividade. Vitoriosos, os norte-americanos empenharam-se na tarefa de reorganizar o mundo capitalista sob sua hegemonia: aumentaram exportações e difundiram sua tecnologia, sua cultura e sua moeda pelo mundo ocidental.

A Guerra Fria dividiu o mundo em blocos geopolíticos e ideológicos rivais: o bloco ocidental compreendia os países capitalistas, alinhados aos Estados Unidos, e o bloco oriental, os socialistas (ou de economia planificada), alinhados à União Soviética. Era o conflito Leste x Oeste, marcado pelo antagonismo geopolítico-militar e pela propaganda ideológica, já que cada uma das superpotências tentava disseminar seus valores e visões de mundo.

Ela estendeu-se até o desaparecimento de seus principais símbolos: o Muro de Berlim, em novembro de 1989; a reunificação da Alemanha, em outubro de 1990; o desmantelamento do Pacto de Varsóvia, em abril de 1991; e a dissolução do Império soviético, em dezembro de 1991.

Desde 1989, o antigo bloco socialista tem passado por grandes transformações. A União Soviética, antiga superpotência, desmembrou-se, assim como a Tchecoslováquia e a Iugoslávia. A Alemanha se reunificou. Cuba iniciou uma tímida abertura econômica. Seguindo o exemplo da China, o Vietnã restabeleceu relações diplomáticas com os Estados Unidos e acelerou sua abertura para o Ocidente. A divisão da Coreia é o último resquício da Guerra Fria.



Adap.: LEBRUN, François (Dir.). *Atlas historique*. Paris: Hachette, 2000. p. 50.

A reordenação econômica

Na Conferência de Bretton Woods, realizada em julho de 1944, em New Hampshire, nos Estados Unidos, o país anfitrião, reunido com 44 países aliados, lançou um plano que visa garantir a reconstrução e a estabilidade da economia mundial após o término da guerra. Apesar da participação de várias nações, inclusive da União Soviética e do Brasil, quem definia as regras do plano eram os Estados Unidos e, em menor grau, o Reino Unido. Nessa reunião, foi estabelecido um novo padrão monetário, o dólar-ouro, em substituição ao ouro, padrão vigente até então